

Acontece...

■ Catequese

Sábado, dia 2, e domingo, dia 3, não haverá Catequese.

■ Devoção das Primeiras 6^a feiras

Sexta-feira, dia 1, após a celebração da manhã, haverá a devoção das primeiras sextas-feiras.

■ Devoção dos Primeiros 5 Sáb.

Sábado, dia 2, após a celebração da manhã, haverá, como habitualmente, a devoção dos primeiros cinco sábados.

■ Ofertório para obras

Os ofertórios dos dias 2 e 3 de Março reverterão em favor das obras de requalificação das capelas mortuárias.

■ Quarta-feira de Cinzas

6 de Março, 4^a feira de Cinzas, na igreja paroquial, haverá imposição de cinzas nas celebrações eucarísticas das 10h e 18h30; em Santo António do Estoril às 10h, 19h e 21h30.

■ Adoração Ss Sacramento

Quinta-feira, dia 7, das 10h45 às 18h15, tempo de Adoração e Oração ao Santíssimo Sacramento.

■ Via-Sacra

Durante o tempo quaresmal, teremos a via-sacra todas as sextas-feiras às 10h45 e 17h40, na igreja paroquial.

■ Almoço de São José

Dia 17 de Março, pelas 13h00, realiza-se o Almoço da Festa de São José, organizado pela L.I.A.M.

■ À Descoberta dos Balcãs

A paróquia está a organizar uma viagem a Montenegro, Albânia, Macedónia, Kosovo e Sérvia, de 13 a 21 de Maio. Inscrições no Cartório Paroquial.

Estacionamento Cristão

O estacionamento errado no trânsito reflete uma crise de valores e da ética cristã. Pelo contrário, o respeito pelas normas do código da estrada, em especial o estacionamento correto junto às nossas igrejas, são uma forma de dar testemunho e ser missionário pelo exemplo. Pedimos a todos o máximo de educação e empenho nesta área.

Ofertório
para **Obras** '19

Podemos Contar Consigo?

NIB Santander Totta | 0018 0003 2237679 2020 89

Jan 788.94€ | Fv 799.99€ | Mr .€ | Ab .€ | M .€ | Jn .€ | Jl .€ | Ag .€
St .€ | Ot .€ | Nv .€ | Dz .€



Missas Celebrações Eucarísticas

Igreja Paroquial
2^a f a Sáb | 10h00; 18h30
Dom | 9h; 11h30; 18h30
inverno: 19h

Cap. do Livramento
Dom | 10h00

Cap. Saint Mary's
Dom | 10h15

Cap. N^a Sr^a da Paz
Sáb | 15h30

Cartório

Dias úteis | 10h - 12h
15h30 - 18h30

T.: 21 466 18 19

Confissões

5^a feira | 14h30 às 16h30
2^a a 6^a | 10h30 às 11h30
17h30 às 18h30

Adoração ao Ss.Sacramento

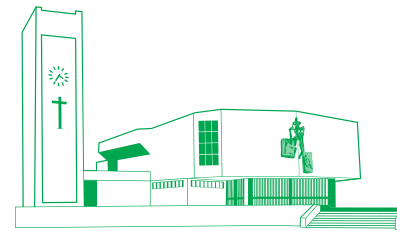
1^a e 3^a - 5^a feira
10h45 às 18h15

Lectio Divina

3^a feira e 6^a feira
15h às 17h

"Mar Solidário"

2^a feira a 6^a feira
11h às 18h



7|1

24 Feb a 2 Mar '19

**S. Pedro &
João do Estoril**
www.paroquiaspedroesjoao.pt

1 Sam 26, 2.7-9 | Salmo 102 | Filip 1 Cor 15, 45-49 | Lc 6, 27-38 | Ano C | VII Domingo do T. Comum

A Loucura dos Discípulos de Jesus:

São João Paulo II

“«Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam» (Lc 6,27). Estas palavras, para certas pessoas, ressoam difíceis de serem aceites e praticadas em coerentes comportamentos de vida. De facto, são palavras que, se forem tomadas a sério, obrigam a uma conversão radical. Ao contrário, quando somos ofendidos e feridos, a tentação é ceder aos mecanismos psicológicos da autocompaixão e da vingança, ignorando o convite de Jesus a amar o próprio inimigo. Contudo, as vicissitudes humanas de cada dia põem em relevo, com grande evidência, o modo como o perdão e a reconciliação sejam irrenunciáveis para realizar uma real renovação pessoal e social. Isto é válido tanto nas relações interpessoais, como nas relações entre comunidades e nações. O único caminho da paz é o perdão. Aceitar e conceder o perdão torna possível uma nova qualidade de relações entre os homens, interrompe a espiral do ódio e da vingança e rompe as cadeias do mal, que prendem os corações dos adversários. Como são ricas de saudáveis ensinamentos as palavras do Senhor: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem"! Amar quem nos ofendeu desarma o adversário e pode transformar num lugar de solidária cooperação até um campo de batalha”.

O Amor aos Inimigos!

Bento XVI

“Eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo. O seu amigo é meu amigo. Para além do aspeto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um gesto de amor, de atenção. Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o

olhar de amor de que ele precisa. Podemos, de verdade, amar o próximo, que nos é estranho ou mesmo antipático? Sim, podemos, se somos amigos de Deus, se somos amigos de Cristo. Deste modo torna-se-nos mais claro que Ele nos amou e nos ama, porque muitas vezes desviamos d’Ele o nosso olhar e vivemos segundo outras orientações. Se, porém, a sua amizade se tornar, a pouco e pouco, importante e incisiva para nós, então começaremos a querer bem àqueles a quem Ele quer bem, e que precisamos do meu auxílio. Ele quer que nos tornemos amigos dos seus amigos, e nós podemos-lo, se estivermos interiormente perto d’Ele”.

Não há nada na vida que apague o amor de Deus por ti: Todos estamos tatuados na sua mão

Papa Francisco; Trad.: Rui Jorge Martins

O primeiro passo de toda a oração cristã é a entrada num mistério, o da paternidade de Deus. Não se pode rezar como os pagãos. Ou entras no mistério, na consciência de que Deus é o teu Pai, ou não rezas. Se eu quero rezar a Deus meu Pai, inicio o mistério.

Para compreender em que medida Deus é pai, pensamos na figura dos nossos pais, mas devemos sempre, de alguma forma, “refiná-la”, purificá-la. (...) Nenhum de nós teve pais perfeitos, ninguém (...). As nossas relações de amor vivemo-las sempre sob a marca dos nossos limites e também do nosso egoísmo, e por isso são muitas vezes envenenadas por desejos de posse ou de manipulação do outro. É por isso que às vezes as declarações de amor se transmudam em sentimentos de raiva e hostilidade. Ora vê, aqueles dois amavam-se tanto a semana passada, hoje odeiam-se de morte: vemos isto todos os dias. (...) Quando falamos de Deus como «pai», enquanto pensamos na imagem dos nossos pais, especialmente se nos quiseram bem, temos, ao mesmo tempo, de ir além. Porque o amor de Deus é do Pai «que está nos céus» [cf. oração do Pai-nosso], segundo a oração que Jesus nos convida a usar: é o amor total que nesta vida saboreamos apenas de maneira imperfeita. Os homens e as mulheres são eternamente mendicantes de amor – somos mendicantes de amor, precisamos de amor –, procuram um lugar aonde possam ser finalmente amados, mas não o encontram. Quantas amizades e quantos amores desiludidos há no nosso mundo; tantos! (...)

Há uma expressão do profeta Oseias que enquadra de maneira impiedosa a congénita debilidade do nosso amor: «O vosso amor é como a nuvem da manhã, como o orvalho matutino que logo se dissipa» (6,4). Eis o que é muitas vezes o nosso amor: uma promessa que é árdua de manter, uma tentativa que depressa seca e evapora, um pouco como quando de man-

hã o sol se ergue e desaparece o orvalho da noite.

Quantas vezes nós, humanos, amamos desta maneira tão frágil e intermitente. Disso todos temos a experiência: amamos, mas depois esse amor caiu ou tornou-se frágil. Desejosos de querer bem, confrontámo-nos depois com os nossos limites, com a pobreza das nossas forças; incapazes de manter uma promessa que nos dias de graça nos parecia fácil de realizar. No fundo, também o apóstolo Pedro teve medo e fugiu. O apóstolo Pedro não foi fiel ao amor de Jesus. Existe sempre esta fraqueza que nos faz cair. Somos mendigos que no caminho arriscamos a nunca encontrar completamente aquele tesouro que procuramos desde o primeiro dia de vida: o amor.

No entanto, há um outro amor, o do Pai «que está nos céus». Ninguém deve duvidar de ser destinatário deste amor. Amámo-nos. «Amá-me», podemos dizer. Ainda que o nosso pai e a nossa mãe não nos tivessem amado – uma mera hipótese –, há um Deus nos céus que nos ama como ninguém sobre esta Terra alguma vez o fez e poderá fazer. O amor de Deus é constante. Diz o profeta Isaías: «Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria. Eis que Eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos» (49,15-16).

Hoje a tatuagem está na moda: «Eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos». Eu fiz uma tatuagem de ti nas minhas mãos. Eu estou nas mãos de Deus, assim, e não posso tirá-lo. O amor de Deus é como o amor de uma mãe, que nunca se pode esquecer. E se uma mãe se esquece? «Eu nunca te esqueceria», diz o Senhor. Este é o amor perfeito de Deus, assim somos amados por Ele. Ainda que todos os nossos amores terrenos se desmoronassem e nas mãos não ficasse mais que pó, há sempre para todos nós, ardente, o amor único e fiel de Deus.

Na fome de amor que todos sentimos, não procuramos algo que não existe: ela é, em vez disso, o convite a conhecer Deus que é pai. A conversão de Santo Agostinho,

por exemplo, passou por isso: o jovem e brilhante reitor procurava simplesmente entre as criaturas alguma coisa que criatura nenhuma lhe podia dar, até que um dia teve a coragem de erguer o olhar. E nesse dia conheceu Deus. Deus que ama. A expressão «nos céus» não quer exprimir uma distância, mas uma diversidade radical de amor, uma outra dimensão do amor, um amor incansável, um amor que sempre permanecerá, que está sempre ao alcance da mão. Basta dizer «Pai nosso, que estais nos céus», e esse amor vem.

Portanto, não temer! Nenhum de nós está só. Se mesmo, por desventura, o teu pai terreno se esquecesse de ti e tu tivesses rancor dele, não te é negada a experiência fundamental da fé cristã: a de saber que és filho amadíssimo por Deus, e que não há nada na vida que possa extinguir o seu amor apaixonado por ti.

Caminhos perigosos para enfrentar o mal

Jorge Teixeira da Cunha

Trata-se de uma forma de descarga, sobre uma vítima, da agressividade acumulada na comunidade ou dos males que grassam nela. A vítima pode ser uma animal ou um ser humano, culpado ou não dos males que se quer afastar, que os toma simbolicamente sobre si. Desse modo se restabelece o equilíbrio. Ora esse mecanismo está longe de ser eficaz como forma de reconciliação e de superação do mal.

Tanto a sociedade de hoje como a Igreja parecem estar a recorrer a este velho mecanismo para resolver os seus conflitos. Vemos isso na forma de acusar alguns culpados de corrupção, tornando-os simbolicamente responsáveis por todos os crimes, os deles e os dos outros. Mas mesmo na Igreja isso pode suceder a propósito dos crimes de pederastia que têm vindo a lume.

Ora tal forma de proceder está longe de ser eficaz para resolver crimes e pecados. Por isso, aos olhos da teologia é necessário pensar o assunto e advertir para a sua ineficácia tanto na sociedade como na

Igreja. Está fora de dúvida que a reconciliação é o único caminho para superar o pecado, o crime e o mal e que, em todas essas situações, se trata de converter pessoas mediante a retribuição, o perdão, e a devida expiação pelo sofrimento das vítimas. Em todo o processo, trata-se de uma transformação pessoal, um saneamento das relações humanas, mediante o perdão, e uma conversão operada pela bondade divina.

É por isso que o recurso ao mecanismo da descarga irracional dos castigos sobre vítimas expiatórias é uma forma de encobrir o mal, de o camuflar e de o perpetuar. Uma sociedade que confia nessa forma de extirpar os males está equivocada. Quem cometeu crimes tem de pagar pelo que fez, mas “nos homens julgam-se os homens e nada mais”, segundo uma velha expressão de D. António Ferreira Gomes. O que se tem visto na comunicação social nos tempos recentes, descarregando sobre algumas personagens toda a agressividade contra a corrupção, é uma prática expiatória devedora deste esquema mitológico. Isso não é fazer justiça. A mesma comunicação tem feito a respeito dos crimes de pederastia na Igreja algo semelhante.

Perante isso, torna-se necessário propor uma via de enfrentar o mal que seja assente no perdão, na identificação clara dos crimes, na aplicação de penas racionais, proporcionadas e pedagógicas que sejam aptas para reabilitar as vítimas e também para salvar os criminosos. Isso compete aos tribunais mas não só. Compete também a uma prática penitencial. Esta é da competência da Igreja que não pode deixá-la por mãos alheias, quer em relação aos seus membros quer como proposta de um discernimento lúcido da sua pregação à sociedade em que vivemos. Pois a Igreja sabe que há formas de fazer justiça que multiplicam o mal e deixam escapar muitos culpados. Mas não pode esquecer que o Evangelho da conversão é o segredo do perdão e da reconciliação que são a única forma de colocar um dique ao mal que sempre afeta as coisas humanas.